

DIOGO FIGUEIREDO PERFEITO
DIAS FERREIRA

RETRATOS DISPERSOS
(antologia de contos)

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Diogo Figueiredo Perfeito Dias Ferreira

TÍTULO: Retratos Dispersos (antologia de contos)

AUTOR: Diogo Figueiredo Perfeito Dias Ferreira

CAPA: Sítio do Livro, Lda.

1.ª Edição

LISBOA 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-20-2257-4

DEPÓSITO LEGAL: 321176/10

© DIOGO FIGUEIREDO PERFEITO DIAS FERREIRA

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, Lote 2, Porta C – 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

ÍNDICE

Os textos inclusos na presente obra surgirão pela ordem que segue:

O senhor regedor

Distinta decrepitude

O poder da autoridade

A criada Josefa

Carlota e Ana Maria

O velho paço

Sempre comendo e bebendo

A vernaculidade do senhor visconde

O mestre de latim

A Senhora D. Maria José

A lição de Alberto

Estória de Padre João

O ressurgimento da casa de Nogueira Faria

NOTA DO AUTOR

Os primeiros nove contos atrás indicados foram redigidos entre Julho e Setembro de 2008. O conto «A Senhora D. Maria José» remonta a Novembro/Dezembro de 2006. Os textos «A lição de Alberto» e «Estória de Padre João» foram escritos em Dezembro de 2007 e Maio de 2008, respectivamente. Por último, «O ressurgimento da casa de Nogueira Faria» é de Novembro de 2008. Constituem, por assim dizer, os nove contos iniciais uma unidade, a qual se nota em certas marcas temáticas, tendenciais e discursivas que podem achar-se em múltiplos pontos. Os últimos quatro textos foram produzidos em alturas díspares, de aí provindo as dissonâncias estilísticas que neles se afiguram. Entendeu-se, não obstante, ser pertinente reuni-los no presente volume, visto ter este uma clara intenção antológica.

17 de Dezembro de 2010.

O SENHOR REGEDOR

I

José Jacinto Pires de Guiães era regedor da freguesia de Alcalde, a qual, juntamente com as pequenas povoações de Ribeiral e Ermida, formava o diminuto concelho de Santa Maria da Nora, sito nos confins do velho Portugal.

Alcalde, algures na vetusta Beira, era de génese mourisca. Tomada aos Infiéis pela horda possante de Fernando, o Magno, em 1064, recebera foral de D. Afonso II em 1217. Mais ou menos por essa altura, lá se instalou o Mosteiro de Santa Hermínia, dádiva de um velho guerreiro, de nobres origens: Martinho Vasques de Figueiredo.

A aldeia mantinha, indelevelmente, a traça de tempos idos. A rua principal, dita «do Bom Caminho», ligava o Cruzeiro, marco indiciador do começo do povoado, ao Cemitério Velho, no término do mesmo. A igreja local, de edificação setecentista, fora consagrada a Nossa Senhora do Ó, e estava postada bem no centro do Largo da Misericórdia, onde, outrora, houvera uma

espécie de «sopa dos pobres»: a Sagrada Obra de Caridade, patrocinada pela devotíssima D. Marcelina Romeiro das Neves, viúva do general Abranches.

Pela estrada ainda macadamizada, ia-se, sem muitas delongas, até Casal Moço, insignificante terriola anexa, a que apenas restavam três famílias de lavradores. Três quilómetros para diante, poder-se-ia avistar a vizinha freguesia de Ermida, famosa pelo seu multissecular convento de freiras clarissas.

Mas, voltando ao regedor: Zezinho Guiães (como era conhecido na região) não nascera em Alcalde, mas em Lisboa. Sua mãe fora deixada, em pequena, na roda dos expostos, tendo sido de lá retirada pela viscondessa de Atalaia e Melo, que dela fez sua fiel criada, baptizando-a sob o nome de Teresa da Encarnação. Tal moça serviu, por muitos anos, na casa da família Atalaia e Melo, suportando, com máxima resignação, a rabugice senil da viscondessa e os ataques de gota do visconde. Certo dia, porém, a sua vida tomou novo rumo, ao conhecer um jovem mancebo, escrevente no cartório notarial do Dr. Pinho de Freitas: Joaquim Pires de Guiães, filho de Anselmo Guiães, falido comerciante de mercearia, e de Elzira dos Santos Pires, proveniente de

uma família de jornaleiros. Largos meses durou o namoro de Teresa e Joaquim, até se ter celebrado o matrimônio, ocultamente. A seriíssima e austeríssima viscondessa de Atalaia e Melo, ao tomar conhecimento do «derricho da Teresinha», despediu-a. Concomitantemente, o Dr. Pinho de Freitas mudou-se para Coimbra, e também Joaquim vegetou na miséria. Para piorar a situação do novel casal, Zezinho resolveu nascer pouco depois, e, sem quaisquer meios de sustentar o filho, Joaquim Pires de Guiães optou por recorrer aos derradeiros dinheiros de seu pai. Contudo, o velho Anselmo vivia permanentemente sobressaltado, querendo, a todo o custo, salvaguardar a velha carteira bafienta onde escondera um maço de notas. Nem as lágrimas filiais o enterneceram. A sorte apenas chegou a Joaquim quando seu pai faleceu e ele recebeu, não apenas a carteira sebenta, mas também uma remota herança de seu avô Hermenegildo Guiães, que, antes de ocorrer a Lisboa, para instalar a sua venda, fora camponês em Santa Maria da Nora, e lá deixara três terras centeeiras e uma modesta casa em granito. Decidido a apostar no futuro, Joaquim Guiães abandonou Lisboa e, juntamente com Teresa e Zezinho, rumou à província.

Os primeiros tempos em Santa Maria da Nora foram muito difíceis. Joaquim não conseguia tirar proveito algum das terras herdadas, visto desconhecer os mais básicos rudimentos de agricultura. Teresa, criada de servir da família Moita Varejão, era odiada pela sua patroa, que nela via, todas as vezes, uma possível amante de seu estouvado marido. Assim, bem depressa a jovem se viu escoraçada daquela casa. Desesperada, farejando outro poiso, encontrou um tesouro apetecível: o decrépito desembargador Sena Passos, que, depois de uma vida de imenso trabalho em Coimbra, recolhera à sua terra natal para necessário repouso, necessitava de alguém que dele cuidasse permanentemente. Contava o idoso senhor com uma vasta renda, extraída de um imenso manancial de propriedades que cobriam quási todo o Vale de Almogávar. Fez-se Teresa atenta e dedicada, não despegando, nem por um segundo que fosse, da cabeceira do velho, que a venerava como deusa. Sena Passos não tivera mulher ou filhos, e a sua derradeira parenta, a boa prima Macedo, falecera havia dois anos, apopléctica. Projectava, agora, na sua servente, o ideal de pureza feminina, tendo-a por angelical. Tanta bondade, soube-a ele recompensar, ao legar, por testamento, à formosa moça todos os seus vastos domínios, a que